

Introdução

Este livro é um estudo etnográfico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa, no sertão da Bahia, e os romeiros que, entre os meses de julho a setembro, se dirigem para a Lapa. O início do santuário pode ser localizado no final do século XVII, dando origem a um culto que se estende até os dias de hoje. Nossa pesquisa, no entanto, vai ressaltar que, mais do que uma tradição antiga que teria resistido às inovações e reformas do catolicismo e da sociedade brasileira, a romaria de Bom Jesus da Lapa se revela como um fenômeno que é reinventado em diferentes momentos por seus diversos agentes.

Embora seja um estudo sobre um santuário, o objetivo deste livro é mostrar como os romeiros interpretam o seu mundo, conferem-lhe significados e lhe infundem emoção, a partir de uma determinada experiência religiosa. O santuário de Bom Jesus da Lapa abre um campo de possibilidades para o estudioso da religião e da cultura enquanto um centro de condensação de mitos e cosmologias que perfazem uma tradição de longa duração. Permite também se ter acesso ao universo católico institucional, que ganha visibilidade através da literatura produzida em torno do santuário e da pregação e atuação de seus dirigentes. Estórias orais e documentos escritos, que recolho ao longo da pesquisa de campo, foram como que portas que se abriam para que pudesse entrar nas lógicas e valores que movem as pessoas a agirem, muitas vezes apaixonadamente, dentro e fora do campo estritamente religioso do culto ao Bom Jesus da Lapa.

Três anos de trabalho de campo — 1991 a 1993 — com períodos alternados de presença na Lapa e em algumas comunidades de romeiros — ou peregrinando com eles para Bom Jesus — permitiram observar como se organizavam as romarias e perceber os sentidos e interesses que eram investidos no culto. O material recolhido em dezenas de entrevistas com

romeiros, moradores, clero e outros agentes de pastoral foram revelando que eram múltiplos os discursos e que a sua pluralidade era condição e fonte da existência do próprio culto. A possibilidade de compatibilizar diferenças e de responder a demandas religiosas diversas e contraditórias torna o santuário um espaço de acolhida das massas religiosas católicas e lhe dá uma abrangência regional.

O trabalho começara com uma pesquisa de avaliação da diocese de Bom Jesus da Lapa, que fora solicitada à Equipe de Assessoria do ISER (Instituto de Estudos da Religião). Aos poucos fui conhecendo as pessoas que estavam envolvidas no trabalho pastoral e nas CEBs. A participação nas reuniões, nos cursos e nas assembleias da diocese foi construindo laços de companheirismo e amizade com muitos agentes de pastoral locais que, no período de pesquisa de campo, me introduziram nas comunidades de São Manoel, Ramalho, Coribe e Carinhanha, onde recolhi muito do material de campo e convivi com os romeiros que depois acompanhei nas romarias para a Lapa.

A entrada nas comunidades através das pessoas da Igreja, na verdade, abriu algumas portas, que possivelmente ficariam fechadas se a inserção tivesse sido por outra via. O clima de confiança que se estabeleceu na relação com os informantes permitiu que estes falassem de temas que provavelmente não seriam verbalizados numa situação em que o pesquisador não fosse visto como alguém de dentro da Igreja. Uma realidade que, como não podia ser negada diante da minha própria trajetória de vida, tratei de assumir com a consciência dos limites que impunha.

Na tentativa de superar o silêncio sobre questões que não podiam ser respondidas nestas circunstâncias, procurei explorar mais as entrevistas no santuário, onde a aproximação era quase sempre direta. Introduzia-me em grupos de romeiros desconhecidos e os acompanhava durante os dias que permaneciam na Lapa, visitando-os em suas *rancharias* e estabelecendo laços de convivência. Outras vezes, caminhava com pequenos grupos familiares pela cidade, visitando as grutas, subindo o caminho da *Via-Crucis*. Frequentava os bares e salões onde quase sempre era possível entabular uma conversa descontraída.

Em relação aos moradores se deu algo semelhante. Alguns dos entrevistados foram indicados pelos padres e agentes de pastoral como pessoas que teriam muito a falar sobre o santuário. Outros, abordei nos locais públicos, na rua ou no comércio.

Quanto aos líderes religiosos, durante o período da pesquisa de avaliação da diocese convivi com eles, partilhando dos seus problemas e sonhos em relação ao trabalho no santuário. Depois entrevistei a todos que tinham funções no santuário e na diocese: bispo, reitor, pregadores.

O mundo mais intelectualizado e clericalizado dos agentes de pastoral era-me, portanto, bastante familiar, o que me obrigava a um exercício de estranhamento constante. Neste sentido, ajudou-me muito poder contrapor ao discurso racionalizado do contexto da pastoral os mitos que recolhia e as práticas que observava junto aos romeiros. O estranhamento diante das estórias narradas pelos romeiros, quase sempre marcadas pelo realismo fantástico, levava-me a buscar aspectos que fossem familiares às crenças e visões partilhadas pelos agentes de pastoral e às minhas próprias. Transitei por estes mundos, procurando descobrir não apenas o que era distinto ou comum entre eles, mas também que interpretações cada um fazia do outro. Neste trânsito, deparei-me com áreas de opacidade e silêncio, que busquei elucidar com os dados que o material de campo permitia construir, com os documentos escritos (*históricos*) e com a literatura antropológica.

Este exercício aos poucos foi revelando que, se havia uma tradição comum que se expressava no culto ao Bom Jesus, havia também diferentes maneiras pelas quais os grupos no santuário se relacionavam com ela. Através do mito ou da razão, de uma forma *pré-moderna* ou *moderna*, todos buscavam entrar em contato com a tradição que mobiliza multidões de pessoas que peregrinam todos os anos para Lapa do Bom Jesus.

Estimulado por alguns textos de Otávio Velho (1987; 1993) e de Pierre Sanchis (1992), que formulam a ideia de uma *cultura bíblica* ou *bíblico-católica* no contexto popular brasileiro, comecei a trabalhar com a hipótese de que a romaria poderia ser um meio pelo qual os romeiros entram em contato com o núcleo da sua cultura, se apropriam de novos valores

e reinventam a *tradição*. Então, a partir deste momento, os relatos dos romeiros, que haviam sido recolhidos em diferentes lugares e momentos, começaram a fazer sentido como parte de um corpo de práticas, valores e ideias que configuram uma determinada visão de mundo.

A descoberta das potencialidades que estavam nas estórias, enquanto uma fonte de conhecimento, permitiu relativizar a proposta da *conscientização*, colocada pela pastoral popular. A via conscientizadora, ao mesmo tempo em que abria um novo campo de compreensão, também fechava outro ao descartar o mito e considerá-lo como *lenda*, superstição ou simplesmente uma forma primitiva de conhecimento que era atribuído à mentalidade mágica dos romeiros.

O contato com a literatura sobre santuários em outros países de predominância católica permitiu perceber uma série de pontos de convergência entre as estórias e mitos divulgados pelos romeiros de Bom Jesus da Lapa e aqueles que foram registrados por autores como Victor e Edith Turner, William Christian, John Eade, Michael Sallnow e outros citados ao longo deste trabalho. Esta literatura foi essencial para perceber a dimensão universal do culto ao Bom Jesus da Lapa e as características mais gerais dos santuários de peregrinação dentro do catolicismo.

Com estas chaves de leitura, procurei organizar o material etnográfico onde a relação entre *mito* e *razão* se colocava como uma possibilidade de lançar um pouco de luz sobre o catolicismo, a cultura sertaneja e o processo de institucionalização do culto. A partir do trabalho de campo e da bibliografia, busquei ordenar os documentos históricos que dispunha e tentar ver como esta relação entre *mito* e *razão* se coloca nos momentos mais densos da vida do santuário. Assim, partindo da descrição e análise atual da romaria de Bom Jesus da Lapa, procurei olhar para o processo de formação do culto, iluminando o passado à luz dos dados etnográficos. Estava, assim, visualizado o livro, que terminei estruturando em três grandes seções.

A primeira divide-se em quatro capítulos, que enfocam a paisagem, os atores e os rituais. O primeiro capítulo busca aproximar o leitor do sertão e do santuário de Bom Jesus da Lapa. As descrições da paisagem são

apresentadas a partir de relatos antigos, enfocando diferentes formas pelas quais a *natureza* é incorporada ao próprio culto.

O segundo capítulo apresenta os grupos que disputam os sentidos do sagrado no contexto da romaria: romeiros, moradores e clero. A análise recai sobre as experiências que cada categoria traz para o santuário e os investimentos que faz no culto, demarcando modos diversos de inserções e de pertencimentos.

No terceiro capítulo, relato a minha experiência junto aos romeiros de São Manoel. A articulação da romaria com o cotidiano da comunidade, os votos ou promessas enquanto impulso mobilizador e a própria romaria vivida como uma *performance* religiosa serão questões discutidas no contexto de um grupo de romeiros que há mais de trinta anos faz sua peregrinação para a Lapa.

O quarto capítulo focaliza os rituais e a festa do Bom Jesus. Destaco aí especialmente as tensões entre o *religioso* e o *profano* como aspectos da disputa no santuário pela demarcação de territórios, mas também a função que os rituais exercem no sentido de construir pontes entre romeiros, moradores e clero, colocando em contato diferentes mentalidades e visões de mundo.

Na segunda seção, analiso os mitos mais recorrentes nas histórias orais que recolhi nas entrevistas com os romeiros. E, num esforço de síntese, procuro estabelecer uma configuração que contemplasse a variedade que o próprio material etnográfico sugeria. Uma configuração mítica que penso corresponder, em linhas gerais, às grandes balizas da *cultura bíblico-católica* do sertão baiano. O foco está voltado, portanto, para a tradição que se reproduz dentro da cadeia de conversação em torno do Bom Jesus da Lapa e da experiência de seus devotos. A seção está organizada em dois capítulos que apresentam os três mitos que considero fundantes do culto e da cultura bíblico-católica sertaneja: origens/nascimento, paixão/morte/ressurreição e juízo final. Encontra-se nesta parte o núcleo central do livro, onde os relatos orais, os personagens e a geografia nos remetem continuamente aos mitos bíblicos e à história, estabelecendo uma ligação entre a experiência presente dos romeiros e o seu passado, condensado dentro de

uma tradição que se constituiu a partir de representações bíblicas, contextualizadas no sertão baiano e projetadas no horizonte católico do messianismo sebastianista.

A última seção se volta para a tradição escrita sobre o santuário e o processo de institucionalização do culto. Sem qualquer pretensão de dar conta da história do santuário, tento traçar um *continuum* que vai das suas origens à Romaria da Terra, tendo como base alguns documentos produzidos pela Igreja Católica com o objetivo de normatizar o culto e propagar a devoção. Ao longo deste *continuum* destaco três feixes de acontecimentos que demarcam mudanças significativas na compreensão e *performance* do culto. Veremos, então, que, longe de se explicar exclusivamente pelo *local*, o culto ao Bom Jesus da Lapa se insere dentro do catolicismo *universal*, instituindo-se e se redefinindo através de constantes reapropriações das reformas produzidas no centro do poder institucional e dos movimentos de renovação do catolicismo mundial. Ao mesmo tempo, destaco a especificidade do contexto político e econômico em que se dão estas mudanças.

A seção está organizada em três capítulos, onde abordo primeiramente a origem do santuário na perspectiva institucional. Veremos aí como a fundação do culto é indissociável da primeira tentativa que a Igreja Católica faz para aplicar a Contrarreforma no Brasil e do movimento de espiritualidade que levou muitos leigos e clérigos, na península Ibérica e na América, a abandonar a vida na cidade em direção à natureza como lugar de encontro com o sagrado. Este movimento, centrado sobretudo na devoção à paixão e na ação protagonista dos leigos, deu origem a uma nova forma de vida eremítica e cristianizou a paisagem do Novo Mundo com muitos santuários.

O segundo momento de redefinição do culto será localizado no final do século passado e início deste. Está marcado pela ação dos bispos reformadores e pelo movimento de romanização que reinventam o culto no contexto da restauração católica e da separação entre Igreja e Estado no Brasil. O santuário, que durante dois séculos havia ficado restrito a uma abrangência local, ao ser reintegrado ao catolicismo institucional, recupera sua importância regional. Na disputa entre a Igreja e a República pela

representação da nação brasileira, o culto no santuário de Bom Jesus da Lapa adquire um lugar estratégico para a afirmação da influência da Igreja Católica sobre a sociedade brasileira.

Enfim, analiso as reformas do Vaticano II e as mudanças que estas acarretam no santuário. A reconciliação da Igreja Católica com o movimento modernizador e o esforço dos dirigentes eclesiais para inscrever o culto dentro de uma narrativa moderna serão vistos primeiramente a partir de dois documentos escritos nos anos sessenta que expressam a mentalidade e o projeto da Igreja renovada. Em seguida, ressaltarei alguns aspectos da Romaria da Terra — observada durante o trabalho de campo — que apontam para algumas possibilidades e alguns limites que o contexto tradicional coloca para a ação modernizadora que chega aos romeiros através do culto no santuário.

Finalmente, uma palavra sobre o título do livro. O sertão é mais do que um lugar geográfico; como escreve Guimarães Rosa, “o sertão é sem lugar”. Por isso mesmo, pode estar em todo lugar como a alma das coisas. O sertão está na origem do culto ao Bom Jesus da Lapa, na romaria fundante e paradigmática do Monge e nas histórias dos romeiros que recolhem suas figuras — o vaqueiro, a onça, a serpente, o padre, a mulher, o menino etc. — e lhes confere um lugar dentro da narrativa universal da Bíblia. É verdade que nem todos os romeiros são do sertão, mas como diria o autor de *Grande sertão: veredas*, “o sertão é dentro da gente”. E, embora se realize no espaço exterior, a peregrinação é sempre uma busca do *sertão* que está dentro de cada um.

Mas o sertão é tomado também no sentido da caracterização feita por Euclides da Cunha, em *Os sertões*, como algo ao qual “falta um lugar no quadro do pensamento de Hegel”. Não cabe nas categorias racionais, pois desvenda-se para o grande escritor brasileiro como a mais completa metáfora das contradições da natureza e da cultura. Ao tentar expressar a alma sertaneja com o instrumental de uma ciência iluminista, e fazer-se “porta-voz do oprimido” (Galvão, 1979), Euclides da Cunha antecipa uma questão que vai ocupar a Igreja Católica durante todo o século XX: ser a voz daqueles cuja tradição é preciso silenciar.